



LORETTA CHASE

As Modistas - 4

Romance entre rendas



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Em memória de Owen, cujo conhecimento e amor
pela arte e pela arquitetura enriqueceram nossas
visitas à Inglaterra e a outros lugares, e cuja afeição,
sagacidade e generosidade enriqueceram nossas vidas.*

Prólogo

*Musa, faça de seu tema o homem, famoso por
sua astúcia e gênio versátil.*

– Odisseia, Homero

*Eton College
Outono de 1817*

Para começar, ele era abominável.

Os colegas de escola de Oliver Radford não precisaram de mais do que um ou dois dias após sua chegada para descobrir isso.

Tampouco precisaram de muito tempo para lhe dar o apelido de “Corvo”, embora por motivos menos óbvios. Talvez seus espessos cabelos negros e seus penetrantes olhos cinzentos passassem essa imagem, talvez fosse sua voz grave e rouca, mais apropriada a um homem adulto do que a um menino de 10 anos. Ou talvez se referissem ao seu nariz – que, muito embora não se parecesse com um bico, como o de muitos outros garotos, também não era nada pequeno.

Mesmo assim, ele tinha sempre o referido nariz metido em um livro, e alguém – na verdade, um de seus primos paternos – dizia que o jovem Radford parecia “um corvo cutucando as entranhas de uma carcaça”.

O primo não mencionou que os corvos eram extremamente inteligentes. Essa era uma das razões pelas quais ele preferia os livros aos colegas de escola.

Sobretudo a seus primos incrivelmente estúpidos...

No momento, ele estava apoiado em um muro na beira do campo de esportes, bem longe dos outros, que escolhiam as equipes para o jogo de críquete. Apesar de saber que não entraria em nenhum time, e sem ter qualquer vontade de entrar, ele era obrigado a estar presente durante os

procedimentos desse processo de formação de caráter, mas mantinha o nariz nas páginas da *Odisseia*, de Homero.

Uma sombra caiu sobre Oliver e uma mão gorda, com unhas sujas, cobriu a página de escrita grega. Ele não olhou para cima. Como seu pai, Oliver era um observador acima da média. Logo reconheceu a mão. Tinha boas razões para reconhecê-la.

– Aqui está ele, cavalheiros – disse o primo Bernard. – A semente do ramo trabalhador da família: o nosso Corvo.

A expressão *ramo trabalhador* foi usada para depreciar o pai de Oliver. Desde que o filho mais velho da família herdara tudo, os demais filhos e seus descendentes tiveram que encontrar esposas e/ou posições bem-remuneradas em profissões “cavalheirescas”, como as Forças Armadas, a Igreja ou a Lei. George Radford, filho de um dos filhos mais novos de um duque, optara por se tornar advogado. Ele era bem-sucedido e mantinha um casamento feliz.

Tudo o que Oliver já observara lhe dizia que os outros Radfords tinham intelectos e casamentos extremamente medíocres, a antítese do que seus pais possuíam.

O fato de um menino de 10 anos saber o significado de *antítese* era outra razão pela qual as pessoas o odiavam.

E o próprio Oliver não ajudava em nada.

– Naturalmente, você acha a lei trabalhosa – disse Oliver. – Primeiro, o estudo da lei requer um domínio do latim, e você mal compreende seu próprio idioma. Depois...

Bernard o agarrou pelo punho.

– ... eu seguraria a língua se *era* você, pequeno Corvo. A menos que queira que eu conte umas histórias que *é*...

– Em primeiro lugar, se você *fosse* eu – corrigiu Oliver. – Como está claro que não é, você precisa do subjuntivo. Em segundo lugar, *histórias* é plural. Portanto, você precisa usar a terceira pessoa do plural. A forma verbal correta é *são*.

Bernard o segurou com menos sutileza.

– Melhor não dar muita atenção a ele – disse o garoto à pequena multidão de seus discípulos, alguns deles primos. – Não tem modos. Não consegue evitar. A mãe não é exatamente a melhor do mundo, vocês sabem. Um tanto ordinária. Mas nós não falamos muito sobre ela.

A família de George Radford havia feito um certo estardalhaço quando

ele se casou, aos 50 anos, com uma mulher divorciada. Mas Oliver não se importava com o que eles pensavam. Seu pai o preparara para as dificuldades que enfrentaria em Eton e para os parentes pouco amáveis que poderia encontrar ali.

– Você está se contradizendo – disse Oliver. – Mais uma vez.

– Não estou, não, seu nojento.

– Você disse que *nós* não falamos sobre ela, mas você falou.

– Você se importa, pequeno Corvo?

– Nem um pouco – respondeu Oliver. – Ao menos minha mãe, quando me trouxe ao mundo, conseguiu manter meu cérebro intacto. As evidências mostram o oposto no seu caso.

Bernard puxou-o para longe da parede e jogou-o no chão. O livro caiu das mãos de Oliver, sua cabeça retumbou e ele tomou consciência de seus batimentos cardíacos crescentes e do pânico irracional que o assolou. Afastou essas sensações da mente e fingiu que aquilo estava acontecendo a outra pessoa, a quem observava com indiferença.

O pânico desapareceu, o mundo voltou ao eixo e ele conseguiu pensar.

Apoiou-se nos cotovelos.

– Eu sinto muito – falou.

– E deveria mesmo sentir – retrucou Bernard. – E espero que aprenda a liç...

– Eu deveria ter lido isso como “em agonia para redimir a si mesmo”, em vez de “ansioso para salvar a si mesmo”.

Bernard parecia estupefato, uma expressão incomum para ele.

– Ulisses – prosseguiu Oliver, pacientemente. Ele se levantou, pegou o livro e espanou a poeira. – Ele lutou em vão por seus companheiros, que foram destruídos pela própria insensatez. Os imbecis destroem o que não entendem.

O rosto de Bernard ficou muito vermelho.

– Imbecil? Vou lhe ensinar o que é imbecil, sua coisinha insolente.

Bernard saltou sobre Oliver e começou a socá-lo.

Para Oliver, a luta terminou com um olho roxo, o nariz sangrando e os ouvidos retumbando.

Essa não foi a primeira vez. Nem a última, como veremos mais tarde.



Oliver estava confuso. Sua experiência com mulheres era limitada. Mães não contavam. E as meias-irmãs também já eram mães.

A irmã do conde de Longmore, lady Clara, tinha agora, conforme anunciara, oito anos e onze meses de idade.

Embora um pelotão de babás cuidasse do número vertiginoso de jovens da família Fairfax, Clara, de acordo com Longmore, geralmente brincava de correr com os meninos. Seus irmãos a tratavam como se fosse um animalzinho de estimação, talvez por ela ser a primeira menina depois de três meninos e alvo de enorme curiosidade. Além disso, o jovem duque de Clevedon, cujo guardião era o pai de Longmore, a idolatrava.

Mas a atividade planejada para aquela noite não era para meninas. Clevedon estava se afastando, gesticulando para que Longmore o seguisse. Longmore assentiu e disse à irmã:

– Você não tem permissão para entrar no barco conosco.

Clara o chutou no tornozelo. Isso só fez o irmão achar graça, mas ela deve ter machucado o dedo do próprio pé, pois seu lábio inferior tremeu.

Então, por motivos desconhecidos, Oliver se ouviu dizer:

– Lady Clara, você já viu o Heptaplasiesoptron?

Longmore lhe lançou um olhar intrigado, mas a menina também o fitou com seus lindos – e emburrados – olhos azuis.

– O que é isso?

– É uma espécie de sala de caleidoscópio – explicou Oliver. – Está cheia de espelhos, que refletem serpentes retorcidas, uma fonte, palmeiras, lâmpadas de cores diferentes e um monte de outras coisas. Fica do lado de lá.

– Ele apontou para o edifício que continha a Rotunda e o Salão dos Pilares.

– Quer que eu a leve para ver?

Enquanto Oliver falava, Longmore fugiu.

– Eu quero entrar no barco – disse ela.

– Eu, não – retrucou Oliver.

Ela olhou ao redor e notou as costas de seu irmão sumindo de vista. Seu olhar se voltou para Oliver e, agora, os olhos se estreitaram de maneira acusadora.

– Seu irmão não quer que você vá – esclareceu Oliver. – Ele não quer se preocupar com você ficando enjoada, caindo do barco ou se afogando.
– Mas não vou fazer nada disso. Eu nunca fico enjoada.
– Por que você acha que eu não vou? Vamos enjoar se Longmore remar.
– Rimou – observou ela.
– É verdade – concordou ele. – Vamos ver o *Heptaplasiesoptron*? Aposto que você não consegue dizer essa palavra. Você é apenas uma garota, e garotas não são muito inteligentes.

Os olhos azuis da menina brilharam.

– Eu sei dizer, sim!

– Vá em frente, então.

Ela estreitou os olhos e contraiu os lábios enquanto se concentrava. Sua expressão era tão cômica que ele precisou se esforçar muito para não rir.

Longmore e Clevedon haviam chegado ao Eton College um ano depois de Oliver. E para sua grande surpresa, tornaram-se amigos. Agiam com ele de forma semelhante ao modo como tratavam lady Clara, como se fosse um animal de estimação. Eles o apelidaram de Professor Corvo, mas logo reduziram apenas para Professor.

Oliver estava ali para o Segundo Festival Anual de Jovens de Vauxhall, pois o pai de Longmore lhe enviara um convite para uma atividade familiar, e o pai de Oliver lhe dissera que ele deveria aceitar. Oliver imaginou que ficaria bastante entediado e irritado, mas Vauxhall acabou se revelando fascinante. Havia acrobatas, equilibristas que andavam na corda bamba, macacos e cães treinados e todo tipo de ilusão de óptica e dispositivos interessantes, bem como música e fogos de artifício. Ele não se importava nem um pouco de não se juntar aos outros meninos.

Certamente, não planejava bancar a babá de uma garotinha. Mas lady Clara havia se mostrado uma menina diferente das outras, um pouco como as várias maravilhas de Vauxhall. Ela não era tão tola quanto seria de se esperar, considerando-se que era, em primeiro lugar, uma menina e, em segundo, parente de Longmore. Ninguém jamais acusaria Sua Graça de nenhuma proeza intelectual.

Ela já conseguira pronunciar *Heptaplasiesoptron* de modo correto quando chegaram lá. Igualmente importante: estava disposta a aprender sobre reflexos e truques ópticos.

Após esgotarem as maravilhas do Salão dos Pilares, eles se encaminharam

para a Caverna Submarina. Quando lady Clara se cansou daquilo e eles estavam se dirigindo ao Hermitage, Oliver ouviu uma voz desagradavelmente familiar.

– Isso é o melhor que você consegue fazer, priminho? Ela ainda não tem nem peitinhos.

Oliver sentiu sua temperatura subir, seu coração bater forte e teve a sensação de ver o mundo através de um véu vermelho. Como se estivesse fora do corpo, ouviu a própria voz dizer a lady Clara:

– Fique aqui.

Oliver marchou até o primo Bernard e o socou bem na barriga gorda. Bernard só soltou um abafado “Huh”, antes de revidar.

Ao ser pego desprevenido pela rápida reação, Oliver não foi capaz de se esquivar e o golpe que recebeu o fez tropeçar. Bernard se aproveitou da situação e se lançou com tudo sobre o primo, derrubando-o.

No instante seguinte, Bernard estava sentado sobre ele, rindo. Oliver mal conseguia respirar.

Oliver estava tentando se desvencilhar quando ouviu um grito selvagem. Lady Clara lançou-se sobre Bernard em uma onda de socos e chutes. Foi tão engraçado que, por um momento, Oliver se esqueceu de que não conseguia respirar.

Então, ele a viu dar uma estocada em Bernard, e viu-o erguer o braço a fim de proteger o rosto. Oliver não teve certeza do que aconteceu a seguir, mas lady Clara caiu para trás, com a mão sobre a boca.

– Eu não fiz nada! – gritou Bernard, se levantando depressa e fugindo.

Oliver viu sangue na mão dela. Olhou em volta, mas Bernard havia desaparecido. Ele escolhera o momento certo, como de costume, quando não havia nenhum adulto por perto para servir de testemunha.

– Aquele desgraçado! – exclamou ele. – Covarde. Ele poderia pelo menos ter perguntado se você estava bem. Você está bem?

Lady Clara testou um dente com o polegar.

– Está quebrado? – perguntou ela, mostrando toda a arcada.

Não havia sangue em sua boca. O vermelho na mão dela devia ser o sangue de Bernard.

Os dentes de Clara eram incrivelmente brancos e uniformes. Exceto por um dos incisivos superiores.

– O da frente sempre teve uma lasquinha? – perguntou ele.

Ela balançou a cabeça.

– Agora tem – disse ele.

Ela deu de ombros.

– Tomara que essa lasca fique presa no cotovelo dele *para sempre* – desejou ela. Então, em um sussurro, acrescentou: – Aquele desgraçado.

E riu.

Talvez Oliver tenha se apaixonado por ela neste exato momento.

Talvez não.

Depois daquela noite, ele nunca mais viu lady Clara Fairfax.

Até...

Capítulo um

Na extremidade da Whitehall Street fica a famosa Charing Cross; e, imediatamente acima dela, foi inaugurada a Trafalgar Square, onde será erguido um esplêndido monumento naval; e a nova galeria nacional de artes plásticas, atualmente em construção, fica do lado norte da praça.

– Calvin Colton, *Quatro anos na Grã-Bretanha*, 1831-1835

*Arredores de Covent Garden, Londres
Quarta-feira, 19 de agosto de 1835*

– Pare! – gritou a menina. – Eu não vou! Eu não quero ir!

Lady Clara Fairfax, prestes a descer de seu cabriolé, não conseguiu escutar o que o garoto dizia, mas ouviu-o rir ao agarrar o braço de Bridget Coppy e tentar arrastá-la para longe do prédio onde ela queria entrar. O local abrigava a Sociedade das Costureiras para a Educação de Mulheres Desafortunadas.

Sua Graça agarrou o chicote, levantou as saias e correu em direção ao casal. Ela atingiu o braço do garoto com a ponta do chicote. Ele blasfemou com uma voz aguda.

Era um rapaz mal-encarado, de cabelos ruivos, rosto quadrado e manchado. Usava um casaco vistoso mas barato, que ela aprendera a associar aos vagabundos que infestavam o bairro.

– Afaste-se dela ou vai levar outra chicotada – disse Clara. – Você não tem nada para fazer aqui. Vá embora antes que eu chame a polícia.

O garoto olhou-a de modo insolente, mas Clara nem notou. Ele fitou o chicote e, em seguida, o elegante cabriolé atrás dela – de onde sua criada, Davis, descera brandindo um guarda-chuva.

Com um sorriso sarcástico, ele disse:

– É melhor você bater mais forte do que isso se quiser que eu sinta alguma coisa.

Ele não esperou que ela batesse mais forte, apenas colocou o chapéu e saiu caminhando.

– Você está bem? – indagou ela a Bridget.

– Sim, Vossa Graça. E muitíssimo obrigada – respondeu a moça. – Não sei o que deu na cabeça dele para vir até aqui. Ele devia saber que o seu tipo não é bem-vindo.

A Sociedade das Costureiras para a Educação de Mulheres Desafortunadas abrigava e educava meninas que, contra todas as probabilidades, estivessem determinadas a se tornar respeitáveis.

Em geral, as moças que desejavam aprender uma profissão tornavam-se aprendizes. Mas as meninas da Sociedade das Costureiras eram párias e acabavam sendo rejeitadas como aprendizes pelas modistas londrinas. A maioria era considerada muito velha, outras eram encaradas como “arruinadas” ou carregavam algum outro estigma.

A Sociedade as pegava na sarjeta – desde que estivessem dispostas a sair dali – e fazia todo o possível para prepará-las para algum emprego. Com prática, diligência e uma boa visão, a maioria aprendia a costurar pontos retos e minúsculos a uma grande velocidade, podendo assim trabalhar como costureira. Algumas, porém, tinham potencial de chegar mais longe – por exemplo, tornando-se bordadeiras de musselinas, sedas, linho, lã e outros materiais finos. Talvez uma ou duas conseguissem alçar um voo mais alto, tornando-se bem-sucedidas modistas.

Bridget tinha 15 anos. Vendedora de flores malsucedida, ela havia surgido à porta da Sociedade após ter sido agredida e roubada repetidas vezes, devido à sua recusa em aceitar a proteção de diferentes cafetões. Apesar de analfabeta, Bridget acabou por se tornar uma das alunas mais diligentes e uma bordadeira com um talento especial. Seu trabalho sempre se destacava nas vitrines.

Infelizmente, o mesmo acontecia do lado de fora do prédio, devido à sua aparência.

– Eu posso lhe dizer o que deu na cabeça daquele rapaz – falou Clara. – Ele estava pensando o mesmo que todos os homens pensam quando veem meninas bonitas como você.

Lady Clara Fairfax sabia do que falava. Completara 22 anos no dia ante-

rior e era a moça mais bonita e desejada de Londres, e, segundo alguns, de toda a Inglaterra.



Sala de estar da Warford
Segunda-feira, 31 agosto de 1835

Clara não saiu correndo da sala. Uma dama não saía correndo de lugar nenhum, a menos que sua vida estivesse em perigo *imediato*.

Aquela fora simplesmente outra proposta de casamento.

A Temporada havia terminado. O Almack's realizara sua última reunião no fim de julho. A maioria da sociedade viajara para o campo. Mas a família de Clara permanecera em Londres porque seu pai, o marquês de Warford, só deixava a cidade quando o Parlamento terminava de se reunir, o que ainda não acontecera.

E, assim, seus pretendentes se demoraram em Londres. Por algum motivo – ou porque se juntaram numa conspiração ou porque fizeram de Clara um objeto de apostas no livro do White's –, eles pareciam estar seguindo um cronograma quinzenal para lhe propor casamento. E estavam deixando Clara com os nervos à flor da pele.

Hoje foi a vez de lorde Herringstone. Ele disse que a amava. Todos diziam a mesma coisa, com diferentes graus de fervor. Mas, como era uma moça inteligente que lia mais do que devia, Clara tinha certeza de que ele, como os outros, queria apenas reivindicar para si a garota mais elegante de Londres.

Ela herdara a aparência clássica da família Fairfax – cabelos dourados bem claros, olhos incrivelmente azuis e uma pele perfeita e sedosa sobre um rosto artisticamente esculpido. O mundo inteiro concordava que, nela, essas características haviam atingido o auge da perfeição. Assim como suas formas, que, segundo seus inúmeros admiradores, poderiam ter servido de modelo para qualquer estátua de deusas gregas ou romanas.

Seu único defeito – externo – era a minúscula lasca no dente da frente, o que só a tornava mais humana e, de alguma forma, ainda mais perfeita.

Ela era como um puro-sangue que todos desejavam possuir. Ou o mais recente e arrojado modelo de carruagem.

Sua beleza a cercava como um grande muro de pedra. Os homens não conseguiam ver dentro dela.

Isso acontecia porque os homens só *olhavam* para as mulheres. Eles não as escutavam. Principalmente quando eram tão lindas.

Quando as mulheres belas falavam, os homens apenas fingiam que as ouviam. Afinal de contas, todos sabiam que, *na verdade*, as mulheres não tinham cérebro.

Clara se perguntava o que eles achavam que as mulheres traziam dentro de seus crânios e *como* eles acreditavam que elas criavam as negativas delicadas para pedidos do tipo “Se a senhorita me desse a inestimável honra de se tornar minha esposa.”

Ela voltou ao presente e respondeu não de forma gentil e cortês, como sempre fazia, pois recebera um treinamento rigoroso para se portar como uma dama. Além disso, ela gostava de lorde Herringstone. Ele lhe escrevera bons poemas. E era divertido, bom dançarino e razoavelmente inteligente.

Assim como dezenas de outros homens.

Ela gostava deles.

Mas eles não tinham ideia de quem ela era e não estavam interessados em descobrir.

Talvez fosse uma atitude quixotesca de sua parte, mas Clara desejava mais para si.

Ele pareceu desapontado. No entanto, ela sabia que lorde Herringstone sobreviveria. Encontraria outra mulher para quem olharia e a quem não ouviria, mas a pretendente não se importaria. Eles se casariam e viveriam juntos, como todo mundo.

E, qualquer dia desses, Clara desistiria de esperar por algo mais. Qualquer dia desses, ela teria que dizer sim.

– Ou isso – murmurou ela – ou me tornar uma excêntrica. Aí vou fugir para o Egito ou para a Índia.

– Milady?

Clara olhou para cima. Sua criada, Davis, estivera de pé no corredor, ao lado da porta, durante a proposta de casamento. Embora a porta estivesse aberta e houvesse um grande número de criados andando pelos corredores da Residência Warford; embora nenhum dos enfeitados por Clara jamais ousasse dirigir a ela uma palavra pouco gentil ou prejudicá-la, Davis estava

sempre vigilante. As pessoas diziam que a criada parecia um buldogue, mas, como Clara sabia muito bem, a aparência não era tudo. Poucos anos mais velha que sua protegida, Davis fora contratada imediatamente após um dos muitos contratemplos da infância de Clara, em Vauxhall. Ela protegia Clara de machucados, fraturas, afogamentos e – mais importante para a mãe da moça – da possibilidade de Clara se tornar uma menina traquinas interessada em atividades masculinas.

– Onde está mamãe?

Sua mãe costumava entrar assim que os admiradores eram rejeitados, perguntando a si mesma “onde eu errei” na educação da filha mais velha.

– Milady está na cama, com muita dor de cabeça – respondeu Davis.

Provavelmente por causa da visita de uma amiga venenosa, lady Bartham.

– Vamos sair – disse Clara.

– Sim, milady.

– Para as meninas – informou Clara. Uma visita à Sociedade das Costureiras para a Educação de Mulheres Desafortunadas daria a ela a chance de fazer algum bem, em vez de pensar sobre homens. – Por favor, peça meu cabriolé.

Sempre que possível, Clara ia até lá sozinha, em parte para reduzir a espionagem e o mexerico dos criados, mas principalmente para sentir que estava no comando de algo, ainda que fosse apenas um cavalo puxando um pequeno veículo de duas rodas. Pelo menos era um veículo arrojado. Seu irmão mais velho, Harry, o conde de Longmore, o comprara para ela.

– Vamos parar no caminho e comprar alguns presentinhos para elas. – Clara olhou para si mesma. – Mas não posso ir assim. Elas precisam me ver com minhas roupas mais elegantes.

Quando um pedido de casamento não podia ser evitado, ela se vestia da maneira mais desleixada possível, para fazer com que a rejeição doesse menos.

As moças eram outro assunto. As fundadoras da Sociedade das Costureiras eram as modistas mais famosas de Londres, as proprietárias da Maison Noiret. Elas faziam as roupas de Clara e a haviam ensinado que um vestido era uma forma de arte e de manipulação, além de um modo de expressão. Já a haviam salvado duas vezes de possíveis casamentos catastróficos.

Portanto, para as meninas delas, Clara se vestia como uma inspiração.



Charing Cross

Pouco tempo depois

– Cuidado! Você está cega? Saia do meio do caminho!

Clara nem teve tempo de ver onde estava. Um braço serpenteou em volta de sua cintura e puxou-a para o meio-fio. Nesse momento, ela viu o trole preto e amarelo voando em sua direção.

No último minuto, ele desviou na direção dos barqueiros e garotos agrupados ao redor da estátua do rei Carlos I. Então, o veículo deu uma guinada abrupta, cortou uma carruagem, golpeou um cão que mancava e entrou na St. Martin Street, deixando um pandemônio em seu rastro.

Acima de sua cabeça – e bem audível, apesar dos gritos dos espectadores e do barulho de carruagens, cavalos e cachorros –, uma voz grave e refinada praguejou. O braço musculoso deixou sua cintura e seu dono deu um passo para trás. Ela o fitou, notando como era alto.

Aquele rosto lhe pareceu familiar, embora seu cérebro não conseguisse encontrar um nome para dar a ele. Sob a aba do chapéu, um único cacho preto caía sobre a têmpora direita. Abaixo das sobrelanceiras escuras e acentuadas, um par de olhos frios e acinzentados a encarava. O olhar de Clara se moveu rapidamente desse desconfortável escrutínio para o nariz comprido e para a boca e o queixo bem esculpido do cavalheiro.

O dia estava quente, mas o calor que ela sentiu veio de dentro.

– Ouso dizer que milady não notou a presença dele – disse o rapaz. – Mas por que digo algo tão sem sentido? Todo mundo entrou em pânico e ninguém prestou atenção. A pergunta correta é: “Faz diferença?” – Ele deu de ombros. – Apenas para o cão, talvez. E, a esse respeito, pode-se dizer que o cocheiro simplesmente salvou o pobre animal de seu infortúnio. Vamos chamar o acontecido de um ato de misericórdia. Bem, é isso. Não está ferida, milady? Não vai desmaiar? Não vai derramar lágrimas? Exce-lente. Tenha um bom dia.

Ele tocou na aba do chapéu e se afastou.

– Um homem e um menino em um cabriolé Stanhope – disse ela, quando ele lhe deu as costas. Clara percebeu a figura alta e vestida de preto parar, mas ela estava concentrada em manter a fugaz imagem em sua mente. – Carruagem recém-pintada. Égua baia avermelhada. Listra branca. Meia branca... pata traseira... Nenhum criado de libré. O garoto... Já o vi antes, perto de

Covent Garden. Cabelo vermelho. Rosto quadrado. Manchado. Casaco amarelo espalhafatoso. Chapéu barato. O cocheiro tinha uma cara de cachorro galgo. Seu casaco... de boa qualidade, mas esquisito. *Não é um cavalheiro.*

Seu salvador lentamente se virou para ela, uma sobrancelha escura levantada.

– Uma cara de cachorro galgo?

– Um rosto estreito e alongado – continuou ela. Com uma das mãos enluvadas, cujo tremor mal se percebia, ela fez um gesto alongado à frente do próprio rosto. – Traços penetrantes. Ele sabia o que estava fazendo. Poderia ter poupado o cão.

Seu salvador olhou-a de cima a baixo, de maneira tão breve que Clara ficou em dúvida se ele realmente o fizera. Mas, então, a expressão dele se tornou bastante intensa.

Ela controlou um suspiro e levantou o queixo, esperando pela demonstração de raiva.

– A senhorita tem razão – afirmou ele.

Por que eu teria razão?, ela pensou. *Sou apenas uma mulher e, assim sendo, é claro que não tenho cérebro para tirar conclusões.*

Ela declarou, com mais paciência do que deveria:

– Eu pude ver que o cachorro já estava muito mal. Mais cedo ou mais tarde, os garotos o torturariam ou um cavalo ou uma carruagem o atropelariam. Mas, sim, aquele cocheiro sabia o que estava fazendo. Ele atingiu o animal de propósito.

O olhar aguçado do estranho se afastou dela para examinar a praça.

– Que idiota – comentou ele. – Para que fazer tamanho espetáculo? Matar o cão foi um aviso para mim, obviamente. Esse sujeito não é um mestre da sutileza. – Quando ele pousou de novo o olhar sobre Clara, comentou: – Você disse um cachorro galgo?

Ela assentiu.

– Muito bem – falou ele.

Por um instante, Clara achou que ele lhe daria tapinhas na cabeça, como se faz com um cachorro que aprendeu um novo truque. Mas ele apenas ficou parado, observando Clara e tudo ao seu redor. Sua boca se contraiu um pouco, como se quisesse sorrir.

– Esse homem, quem quer que seja, é uma ameaça pública – afirmou ela. – Se não tivesse um compromisso agora, denunciaria o incidente à polícia.

Na verdade, ela não tinha compromisso algum. Sua visita à Sociedade das Costureiras fora uma decisão de momento. Mas uma dama não devia ter nada a ver com a polícia. Mesmo se fosse assassinada, deveria sê-lo de forma discreta.

– Devo deixar o assunto por conta do senhor.

– Em primeiro lugar, ninguém foi ferido, a não ser um cão com quem ninguém se importava – disse o cavalheiro. – Em segundo lugar, não devemos incomodar a polícia com a morte, violenta ou não, de um mero cão, a menos que seu dono seja algum aristocrata. Em terceiro, agora está claro que o sujeito mirava em mim quando a senhorita entrou no meio do caminho. Eu não pude vê-lo com exatidão através... – ele gesticulou para o chapéu dela, contorcendo a boca outra vez – através desse troço se erguendo de sua cabeça. Mas o cara de galgo... – Ele sorriu. Não era muito bem um sorriso, mas uma expressão que mudou seu rosto, e o coração dela bateu surpreendentemente mais forte. – Ele tem tentado me matar. E não é o único. Não vale a pena incomodar a polícia.

Ele lhe deu um breve aceno de cabeça, afastando-se em seguida.

Clara ficou olhando para ele.

Alto, magro e seguro de si, ele se movia com rapidez e determinação pelo mar de gente que emergia das ruas que desembocavam em Trafalgar Square. Mesmo após entrar na Strand Street, ele não desapareceu da vista por um tempo. Seu chapéu e os ombros largos permaneceram visíveis acima da massa de pessoas, até chegar à Residência Clevedon, quando uma carruagem que passava bloqueou a visão de Clara.

Em nenhum momento ele olhou para trás.

Em nenhum momento ele olhou para trás.

Quando ela conseguiu acalmar a criada e permitiu que seu criado, Colson, fizesse o cavalo começar a andar, o rosto do cavalheiro lhe veio à mente e sua voz rouca pareceu soar de novo em seus ouvidos. Uma imagem cintilou em seu cérebro, mas desapareceu antes que ela pudesse identificá-la. Clara deu de ombros, tentando tirar o incidente da cabeça, e continuou seu caminho, embora, de vez em quando, se perguntasse como ele soubera que deveria chamá-la de *milady*... e por que não olhara para trás.



O Exmo. Sr. Oliver “Corvo” Radford não precisava olhar para trás. Normalmente, ele teria avaliado a loura alta e aristocrática no primeiro olhar. Como os Fairfaxes eram onipresentes, com belos e distintivos traços, até mesmo os que não pertenciam àquela sociedade os reconheciam, e ele calculou que havia excelente chances de ela ser uma das inúmeras lady Isso ou lady Aquilo.

No entanto, ele lhe dera segundo e terceiro olhares por três razões.

Primeiro, sua mente se recusara a aceitar plenamente as evidências que estavam diante de seus olhos. Mas, sim, um exame mais aprofundado provou que o traje de milady era tão complicado e desvairado quanto seus olhos tinham verificado.

Em segundo lugar, após esse novo exame, ele se sentiu seguro de que já a vira em algum lugar. Mas não conseguiu trazer à luz de sua prodigiosa memória quando e onde isso acontecera.

Em terceiro lugar, ele percebeu que ela o havia surpreendido.

Ele não se lembrava da última vez que alguém o surpreendera.

– Cara de cachorro galgo – murmurou ele, e riu, assustando os transeuntes enquanto caminhava pela Strand Street. – Espere até eu contar a ele. Vai querer me matar *duas vezes*.



– Não olhe para trás, seu idiota – disse o cocheiro do cabriolé Stanhope.

O menino, cujo nome era Henry Brockstopp, mais conhecido como Chiver – por suas habilidades com facas, especialmente com a pequenina *chive* –, disse:

– Era ela! A mulher que veio atrás de mim com o chicote, na semana passada. Queria que você tivesse atropelado aquela desgraçada.

– Imbecil. – O cocheiro bateu nele com as costas da mão. – E ter toda a polícia de Londres atrás de mim? E o exército também? Quantas vezes tenho que dizer a mesma coisa para você? Não toque em um fio de cabelo de um nobre, a menos que você deseje um estrangulamento bem lento na ponta de uma corda e um bom descanso numa mesa, enquanto um serrador de ossos corta você inteiro diante de seus aprendizes. – Ele riu. – Só mesmo o Corvo para usar a mulher mais próxima como escudo.

Jacob Freame, como todo o submundo londrino sabia, tinha um senso

de humor apurado. Ele sorria quando achacava os lojistas para lhe darem mais dinheiro por sua proteção. Ele achava graça quando uma de suas cafetinas levava algum simplório a um bordel, de onde não sairia vivo. Ele ria quando seus meninos chutavam a cabeça de um inimigo. O velho Jacob estava sempre pronto para uma boa risada.

– Ela é grandona o bastante para isso – disse Chiver, com malícia, esfregando um lado da cabeça.

– Ela pode ser tão grande quanto quiser, porque ela é nobre – declarou Jacob. – E, quando vê um nobre, você tira o chapéu, abaixa a cabeça e diz: sim, madame; não, madame; sim, senhor; não, senhor. Você diz o que eles querem ouvir, entendeu? Ninguém se importa com o que fazemos quando estamos entre os nossos. Mas, se você aborrecer as damas e os cavalheiros, os problemas caem em cima de você como uma tonelada de tijolos. Entendeu? Ou vou ter que enfiar isso à força na sua cabeça dura?

– Entendi – respondeu o garoto.

Mas ele ia ensinar uma bela lição àquela tal de Bridget Coppy. E a altona também não ia gostar nada disso.

Jacob Freame olhou para trás, embora sua presa já não estivesse ao alcance da visão.

– Talvez outra hora então, hein, Corvo? – disse ele rindo.



Arredores de Covent Garden *Não muito tempo depois*

Hoje, Bridget Coppy estava no comando da loja da Sociedade das Costureiras. Ali, os visitantes podiam comprar os artigos que as meninas fabricavam, e o lucro ia para a manutenção da organização. Feitos por meninas de talentos e experiências diferentes, os itens oferecidos possuíam grande variedade em termos de qualidade.

– Isso deve ser seu – disse lady Clara, enquanto segurava uma bolsinha esplendidamente adornada.

– S-Sim, milady. Só que há um erro. Esse nó. Ele não... – Bridget explodiu em lágrimas. Seu lindo rosto ficou bem vermelho e ela pegou um lenço.

– Oh, desculpe, milady. Desculpe.

Uma dama jamais ficava sem saber o que dizer. Clara tinha pena das menos afortunadas, mesmo quando escolhia visitá-las como um antídoto para suas próprias tristezas.

– Minha querida, eu nem consigo ver o nó que está errado – afirmou Clara. – Sua visão deve ser muito apurada.

– Sim, eu... Não, quero dizer, o trabalho tem que ficar perfeito. Não se pode... E se Vossa Graça tivesse um vestido de noite bordado com flores-de-lis e notasse um fio pendurado, saindo de uma delas? Ou... se o botão estivesse bordado em carmesim quando deveria ser em rosa? Ou... – Lágrimas escorreram dos olhos da menina, agora tão vermelhos quanto seu rosto, e desceram pelo nariz. Ela se virou e soluçou, limpando com vigor as lágrimas. – Por favor, desculpe, Vossa Graça. Oh, se a diretora me vir, vai ficar zangada, tenho certeza.

– A diretora não está aqui – tranquilizou-a Clara. – Mas, se você está chateada a ponto de não conseguir controlar seus sentimentos, o problema deve ser muito ruim. Afinal, você é uma das moças mais equilibradas e responsáveis deste lugar.

– Responsável... – lamentou-se a menina. – Se eu fosse responsável, estaria nessa situação tão difícil?



Dois dias depois

Clara nunca havia entrado no covil dos advogados de Londres. Quando uma dama precisava de assistência jurídica, seu advogado ia até ela. Mas uma dama jamais deveria se encontrar em qualquer tipo de situação que envolvesse advogados. Se ela estivesse atrapalhada a ponto de precisar de um, deveria entregar o assunto nas mãos do marido, pai, guardião, irmão ou filho.

Por esse motivo, ela hoje usava um dos vestidos de Davis, que fora alterado apressadamente para ajustar-se ao seu tamanho. Além disso, ela, Davis e o menino Fenwick viajavam em uma anônima – e suja – carruagem de aluguel, em vez de trafegar em seu reconhecível cabriolé. A carruagem os levou da Maison Noiroi, na St. James Street, onde Fenwick trabalhava, para o leste, na Fleet Street. Ao chegarem ao portão de Inner Temple, saíram do veículo e entraram no complexo.

Os edifícios enegrecidos pela fuligem de várias gerações se amontoavam e assomavam no Inner Temple, como um coro grego muito sujo assistindo a uma tragédia no teatro. Clara sabia que seu objetivo residia no segundo andar do Edifício Woodley. Mas qual seria ele? Fenwick tentava decidir entre duas construções sombrias quando um menino surgiu entre as lápides do adro da igreja. Fenwick dirigiu-se a ele.

Sim, é claro que ele sabia onde ficava, disse o garoto. Pois não é que ele estava voltando de uma missão da maior importância para aqueles mesmos cavalheiros? E não é que algumas pessoas pareciam cegas, uma vez que o nome do edifício estava escrito ali, bem na cara delas? Ele apontou para uma fileira de tijolos imundos onde *talvez*, sob o revestimento de fuligem e excremento de passarinhos, estivesse escrito o nome do prédio.

Fenwick se ofendeu com o tom do garoto e suas observações.

O garoto fez um sinal rude.

Fenwick lhe deu um soco.

O menino revidou.



Enquanto isso, no segundo andar do Edifício Woodley

– Morto – disse Westcott. – Morto, morto, morto. – Ele colocou a carta diante do rosto de Radford. – Aqui está, com todas as letras.

Radford sentiu um peso no peito. Mas agora tinha o instinto de afastar-se de seu lado sentimental – ou seja, da irracionalidade. Ele aprendera a se comportar como se suas emoções pertencessem a outra pessoa e a ver o assunto em questão com distanciamento. Então, com toda a calma, observou o tom de Westcott, a letra da carta e o tipo de papel usado.

Não o papai.

Morto, não.

Ainda não.

Mesmo assim, foi preciso mais do que sua habitual força de vontade para dizer de modo tranquilo:

– Não está exatamente em uma linguagem simples. Você negligenciou o fato de que foram advogados que a escreveram.

Thomas Westcott era advogado, além de amigo de Radford. Possivel-

mente, seu único amigo. Os dois homens compartilhavam, além das salas no Edifício Woodley de Inner Temple, um jovem funcionário chamado Tilsley, cujas funções incluíam coletar e classificar a correspondência.

Radford não aceitava a tarefa de ler as cartas. Com exceção das mensagens que recebia de seus pais e de suas meias-irmãs, ele deixava que Westcott fizesse o que bem entendesse com a inundação diária de papel.

– Você não a leu – falou Westcott.

Radford não precisava ler. O aspecto legal, o selo e a palavra *morto* já bastavam como evidências. A correspondência vinha do advogado do duque de Malvern e avisava da morte de um membro da família, muito provavelmente do próprio duque, dado o peso do papel, a verbosidade da mensagem e a idade de Sua Graça.

– Sou advogado – disse ele. – Sei reconhecer um jargão obscuro a vinte passos. A distância de um duelo. É uma pena que não se possa dar um tiro nisso, da mesma maneira que os cavalheiros resolvem tantas diferenças. Mas os advogados que obtêm sucesso em sórdidos casos criminais não são cavalheiros, certo?

Ele havia seguido, com prazer, os passos do pai. Como Radford era muito bom no que fazia, jamais duvidara de que seria bem-sucedido em sua profissão, corrigindo os erros e a estupidez que encontrasse no caminho.

Ele só não era capaz de consertar os outros Radfords.

O avô de Bernard colocara os filhos, as noras e os filhos dos filhos uns contra os outros. Era um homem egoísta, vingativo e manipulador, e sua prole seguia o mesmo estilo.

O avô de Radford, sendo inteligente e observador, percebera esse comportamento destrutivo da família e decidira, inteligentemente, não fazer parte dela.

O papai de Radford sentia o mesmo. Havia muito tempo ele dissera: “A única maneira de evitar que sua mente seja envenenada é ficando longe deles. Viva outra vida, filho. Viva a sua própria vida.”

Isso era exatamente o que Corvo Radford tinha feito. Ele não queria nada do ninho das víboras ducais, especialmente agora.

Três meses antes, na fazenda de Grumley, um lugar para onde as famílias pobres enviavam os filhos que tinham em excesso, cinco crianças haviam morrido. Na verdade, o sistema de negligência, fome e sujeira do local as matara. Um inquérito havia considerado Grumley culpado de homicídio.

Isso levava ao processo com que Radford se ocupava no momento, o mais desafiador de sua carreira.

Ele pegou o documento da mão do amigo e o leu, procurando brechas. Seu rosto trazia uma expressão aborrecida.

– Só sobrou Bernard – disse ele. – Como diabos eles fazem isso?

O duque de Malvern anterior, o pai de Bernard, possuía uma penca de parentes próximos, três irmãos e, de seu segundo casamento, três filhos. Ao longo dos anos, quase todos os homens, jovens ou velhos, tinham dado um jeito de morrer, alguns de doença, outros em acidentes.

– Era de se pensar que pelo menos fossem capazes de se reproduzir – comentou ele. – Até ovelhas cegas conseguem!

– A família real tem um problema semelhante – lembrou Westcott. – O rei George III gerou nove filhos. E quem é a nossa possível atual herdeira? Uma jovenzinha.

– É uma pena que o ducado não possa ser de uma menina – disse Radford. – Aquelas que eles têm em excesso. Mas as meninas não podem herdar, e isso não é problema meu. – Ele jogou a carta na mesa de Westcott.

– Radford, se o atual duque morrer...

– Bernard não tem nem 30 anos. Sua esposa está com 25. Ele vai continuar tentando fazer meninos.

Era melhor que Bernard não morresse nos próximos cinquenta anos. Radford não precisava da carta para lembrá-lo de que seu pai se tornara o próximo na fila a herdar o título. George Radford tinha 80 anos e uma saúde precária.

A febre do inverno passado havia minado permanentemente sua saúde. Suas chances de sobreviver ao próximo inverno não eram boas. Ele precisava ser autorizado a morrer em paz, com sua esposa ao seu lado, na Residência Ithaca, a pacífica vila em Richmond cujo nome era uma homenagem à mítica casa de Ulisses, aquela pela qual o herói tanto ansiava. A última coisa de que seu pai precisava era do aborrecimento de assumir vastas propriedades cujas questões eram mal administradas havia anos.

– A saúde da esposa, de acordo com a carta, é precária – comentou Westcott.

– Não estou surpreso – disse Radford. – As chances de ela morrer são muito grandes, assim como a de todas as mulheres que enfrentam gravidezes numerosas. Você pode ter certeza de que, assim que ela morrer, ele

se casará novamente, não importa quantos anos tenha. Seu pai criou uma segunda família aos 50 anos.

O próprio pai de Radford se casara pela primeira vez aos 50, pois não tivera dinheiro para sustentar uma família mais cedo. Eis por que Radford e Bernard tinham sido colegas de escola.

Westcott pegou a carta e leu-a mais uma vez.

– Tem alguma coisa errada aqui – observou ele. – Não sei dizer exatamente o que é, mas tenho certeza de que há algo que deixamos de perceber. Não sou uma pessoa capaz de ler nas entrelinhas, e você se recusa a fazê-lo.

– Vou lhe dizer o que não está certo – replicou Radford. – Entre toda essa papelada jurídica, você não percebeu que o mais urgente é uma convocação de Bernard? Acha que vou dar atenção a isso?

– Você podia pelo menos tentar descobrir o que ele quer.

– Agora? Você se esqueceu do caso Grumley?

– Eu posso ir no seu lugar – ofereceu-se Westcott. – Como seu advogado.

– Nem você nem ninguém vai me representar nisto. Você não conhece Bernard.

Seu pai poderia lidar com aquele medroso metido a valentão, se tivesse que fazê-lo, mas não havia nenhum motivo que o obrigasse a passar por isso. A última coisa de que ele precisava naquele momento era tensão e aborrecimento. Era melhor Radford escrever para a mãe e alertá-la.

– Ele só vai desperdiçar seu tempo por pura diversão – disse Radford. – Você e eu temos coisas mais úteis a fazer. Por enquanto, pretendo mandar aquele desgraçado do Grumley para... – Ele olhou para a porta. – Quem está aí? Onde diabo se meteu Tilsley?

– Se o senhor se refere ao seu funcionário, ele está trocando socos com um garoto ali no cemitério.

A voz, um tanto abafada porque a porta estava fechada, era claramente feminina. E aristocrática.

Westcott, embora não fosse tão observador quanto o amigo – e quem era? –, não teve dificuldades para reconhecer a dicção das classes altas. Alguns de seus clientes viviam nesses gloriosos reinos. Ele correu para a porta e a abriu.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

